

# Puberdade

## Dúvidas e Descobertas

Março de 2020

CEPIA

CIDADANIA, ESTUDO, PESQUISA, INFORMAÇÃO E AÇÃO  
CIDADANIA, ESTUDO, PESQUISA, INFORMAÇÃO E AÇÃO

## **Equipe CEPIA**

### **Coordenação**

Jacqueline Pitanguy

Leila Linhares Barsted

Andrea Romani

Mariana Barsted

### **Administrativo**

Marina Damião

### **Equipe Jovem**

Débora Silva

Débora Pinheiro

Kézia Yasmin

Lucas Marçal

### **Comunicação**

Juliana Grisolia

Karla Oldane

## **Apoio**



## De onde partimos

A CEPIA embarca em mais um projeto voltado para o fortalecimento do protagonismo de adolescentes e jovens na defesa de seus direitos. Mas desta vez o foco são adolescentes de 10 a 14 anos e tem como tema central a PUBERDADE.

O **objetivo** maior desse projeto é contribuir para que a puberdade seja vivenciada por meninas de 10 a 14 anos de forma, responsável, informada, segura, livre de coerção e prazerosa. Como forma de identificar e visibilizar especificidades por grupo etário, o projeto adota uma abordagem a partir do entendimento de ciclo de vida, buscando entender singularidades em grupos distintos: meninas e meninos de 10 a 12 anos e adolescentes de 13 a 14 anos.

O projeto está sendo **desenvolvido** em duas etapas. A primeira delas diz respeito a dar voz as(aos) próprias(os) adolescentes para entender como elas e eles percebem a puberdade, seus prazeres, medos e descobertas. A segunda envolverá a realização de um conjunto de oficinas voltadas para as(os) adolescentes que serão preparadas(os) a partir dos aprendizados alcançados nessa primeira etapa. Envolverá também a construção de um Manual de idéias sobre como trabalhar o tema da puberdade com adolescentes. Espera-se que esse instrumento possibilite a realização de futuras oficinas entre pares e mesmo por profissionais da educação. Nesse sentido, para a primeira etapa foram organizadas diversas oficinas e grupos focais, incluindo encontros com as(os) próprias(os) adolescentes, com seus responsáveis, assim como com profissionais que atuam diretamente com esse segmento.

As **oficinas com adolescentes** priorizaram aquelas e aqueles em maior vulnerabilidade social, tendo sido realizadas oficinas com participantes de ambos os sexos, assim como oficinas voltadas apenas para meninas e outras apenas para meninos. Além de diferenças relacionadas ao gênero, as oficinas também buscaram identificar especificidades dos diversos grupos etários e, para tanto, foram realizadas oficinas para adolescentes de 10 a 12 anos em separado daquelas voltadas para adolescentes de 13 a 14 anos.

Como forma de criar um ambiente de maior cumplicidade e segurança, as oficinas e grupos focais com adolescentes foram facilitados, exclusivamente pelo núcleo jovem da CEPIA. Além desse cuidado, também assegurou-se que os encontros com meninas fossem facilitados exclusivamente por mulheres e aqueles com meninos, apenas por facilitadores homens.

O núcleo familiar e o espaço da escola também exercem papel relevante sobre essa passagem da infância para a adolescência e sobre como a puberdade é vivenciada. Um **grupo focal com mães** de adolescentes foi realizado na perspectiva de que revisitassem sua puberdade e refletissem sobre os paralelos com a puberdade vivenciada por suas(seus) filhas(os).

**Professores e coordenadores** também participaram de uma oficina sobre o papel da escola no conhecimento e vivência da puberdade das(os) alunas(os). Conversas foram também realizadas com **profissionais da área de saúde**.

Esse conjunto de encontros, oficinas e rodas de conversa nos possibilitou reunir informações, percepções e vivências que resultaram nesse documento, **Puberdade, dúvidas e descobertas**. Trata-se, assim, de um diagnóstico sobre como a puberdade é percebida pelas(os) próprias(os) adolescentes, por suas(seus) responsáveis e por profissionais envolvidos diretamente no desenvolvimento desse público. Com limitações de representatividade, escala e temporalidade o diagnóstico reflete o olhar de uma parcela do universo de adolescentes de 10 a 14 anos. Apesar das limitações ele nos fornece pistas importantes sobre como avançar.

**Puberdade, dúvidas e descobertas** nos aponta caminhos para os próximos passos desse projeto que incluirão a construção de oficinas formativas com adolescentes de diferentes territórios e faixas etárias, inseridos em contextos diversos, na perspectiva de empoderar as(os) adolescentes para que vivenciem a puberdade de forma esclarecida, sem temores, assim como de forma prazerosa e informada.

O documento foi estruturado a partir dos principais assuntos levantados nos encontros, buscando, sempre que possível, destacar especificidades relacionados ao gênero e ao grupo etário. Os tópicos tratados incluem:

- Adolescência e puberdade
- Puberdade: percepções de meninas suas interações familiares
- Um olhar a partir do ciclo de vida das meninas
- Puberdade: percepções de meninos suas interações familiares
- FamíliaS
- O que as responsáveis (mães e avós) têm a dizer
- Onde buscam informação
- O papel da escola na vivência da puberdade de meninas e meninos
- Considerações das(os) facilitadores

Equipe CEPIA

## Adolescência e puberdade

Pensar a puberdade, seus desafios, prazeres e descobertas demanda algumas reflexões sobre a própria ideia de adolescência, etapa da vida onde a puberdade tem maior expressão. Esse período não é estanque e seus início e término podem variar a depender dos parâmetros adotados nessa análise. Nesse sentido, podemos dizer que a adolescência é resultado de uma construção social, significada historicamente. Ou seja, o que entendemos por adolescência hoje é diferente de como era entendida em décadas atrás e, mesmo hoje, existem variações de cultura para cultura. Por isso, alguns autores falam que a adolescência “começa na biologia e termina na cultura”<sup>1</sup>. Temos maior clareza quanto ao seu início, identificado pelos eventos fisiológicos associados a puberdade, mas as marcas que definem se alguém deixou de ser adolescente variam muito conforme a cultura.

Para dar um exemplo, em séculos passados a adolescência era mais curta no sentido de que, ainda muito cedo, meninas e meninos ingressavam em atividades laborais e também passavam a constituir suas próprias famílias. Meninas se casando, conhecendo a maternidade e trabalhando em prendas domésticas, meninos na rua. Situação social e juridicamente aceitas.

Atualmente, apesar de políticas e campanhas de prevenção do trabalho infantil e proteção a(ao) trabalhadora(o) adolescente sabemos que crianças e adolescentes substituem as salas de aula por trabalhos informais, na grande parte das vezes, motivados por questões socioeconômicas e ausência de projetos de vida<sup>2</sup>. Uma das grandes diferenças é que hoje em dia essa prática é percebida como uma violação de direitos. Sabemos também que o casamento infantil ainda é uma prática em várias culturas, incluindo o Brasil, apesar de ser

---

<sup>1</sup> MUSSEN, P. H., CONGER, J. J., KAGAN, J. E. & HUSTON, A. C. Desenvolvimento e personalidade da criança. São Paulo: Editora Harbra, 1995.

<sup>2</sup> No Brasil, o trabalho infantil é considerado uma grave violação de direitos humanos. Tanto a Constituição Federal quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente proíbem expressamente o trabalho infantil, sendo permitido apenas que adolescentes, com mais de 14 anos, trabalhem somente como aprendizes e que adolescentes de 16 a 18 anos exerçam funções salubres, seguras e em horário diurno. Apesar de a legislação brasileira garantir a proteção integral e prioritária e de iniciativas bem sucedidas como o FEPETI/RJ, que há 25 anos atua com essa agenda, segundo dados do IBGE (2010) há, no país, 3,4 milhões de crianças e adolescentes ocupados, entre 10 e 17 anos, e 131 mil famílias chefiadas por crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos.

considerado crime<sup>3</sup>. Ainda hoje a linha é tênue sobre onde se termina uma fase da vida e se inicia a outra. Trata-se de construções sociais com ou sem respaldo legal e com ou sem aprovação social e cultural.

Apesar das dificuldades e subjetividades relacionadas ao período temporal associado a adolescência, é importante defini-lo como forma de entender necessidades de saúde específicas, assegurar direitos e acompanhar o desenvolvimento psicossocial a partir de alguns parâmetros.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência engloba o período de vida que vai dos 10 aos 19 anos. Esse período está dividido em fases, sendo a primeira, dos 10 aos 14 anos, chamada de pré adolescência. Fase essa onde, em geral, são mais evidentes as mudanças relacionadas a puberdade. Mas, assim como o próprio conceito de adolescência, a puberdade, enquanto processo de mudanças, também é elástico, sendo o seu início assim como o seu término variável. Esse talvez seja um dos grandes desafios enfrentados pelas(os) estudiosos do tema, assim como pelas(os) próprias(os) adolescentes. Entender que cada uma(um) tem seu tempo fisiológico e emocional de transformação.

Mas afinal, o que são essas mudanças e quando ocorrem<sup>4</sup>?

Trata-se de mudanças biológicas e emocionais, que marcam, de certa forma, a “entrada” na adolescência. Essas mudanças podem ser vivenciadas individual e socialmente de formas diversas a depender de uma série de fatores sociais, econômicos, políticos, biológicos, psicológicos e culturais. Apesar de estar associada a alguns marcos, como a menarca nas meninas, ou seja, o primeiro ciclo menstrual, ou o primeiro sangramento menstrual e o engrossamento da voz e a produção de esperma nos meninos, esse marco temporal é bastante elástico.

---

<sup>3</sup> O Código Civil brasileiro, de 2002, no artigo 1.517 determina que a idade mínima para o casamento no Brasil é de 16 anos para meninos e meninas. Apesar disso, segundo pesquisa da UNICEF o Brasil ocupa a 4ª posição em ranking de casamentos infantis, com 2,9 milhões de uniões precoces, antes dos 18 anos. <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/06/estudo-aprofunda-causas-e-consequencias-do-casamento-infantil-no-brasil.html>

<sup>4</sup> O aplicativo, desenvolvido pela CEPIA, Partiu Papo Reto apresenta em seu item Saiba Mais um quadro com as principais mudanças físicas na adolescência entre meninas e entre meninos.

Em meninas, estima-se que a puberdade ocorra entre 8–13 anos;

Em meninos, entre 9–14 anos.

Nas **meninas**, o primeiro sinal de puberdade é o surgimento do broto mamário e nos **meninos**, o aumento do tamanho dos testículos. Nesta fase também surgem os pêlos pubianos, pêlos axilares, odor axilar, acne e aumento da oleosidade da pele.

A primeira menstruação, chamada de menarca, ocorre em média dois anos depois do aparecimento das mamas.

Sociedade Brasileira de Pediatria

[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/09/Puberdade-Precoce.Leila\\_Ve4\\_.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/09/Puberdade-Precoce.Leila_Ve4_.pdf)

A puberdade se caracteriza como período de grandes transformações físicas, mas também psicológicas e comportamentais, sem idade fixa para se instalar, e que acontecem cada vez mais cedo nas sociedades modernas e que são influenciadas por um conjunto de variáveis.

De acordo com estudos antropológicos, pode-se dizer que a puberdade é um fenômeno natural da espécie humana<sup>5</sup>. O que difere de cultura para cultura é seu significado. A significação da puberdade e mesmo a sua naturalização são determinantes para possibilitar vivências prazerosas e mais seguras entre os adolescentes e destes com seus pares e familiares. Pode-se apresentar como uma fase intensa, já que a(o)s adolescentes necessitam entender e adaptar-se às mudanças, ao novo corpo que se apresenta e vivenciar contextos até então desconhecidos na construção de sua identidade.

Nesse sentido, ao refletir sobre puberdade, devemos considerar não somente mudanças físicas, biológicas e emocionais como também a sua relação com aspectos de ordem interpessoal, relações de gênero e poder (machismo, bullying, racismo), dinâmicas familiares além de outros aspectos que buscamos incorporar às análises abaixo apresentadas.

---

<sup>5</sup> Portal de formação a distância sujeitos, contextos e drogas aberta. Eixo políticas fundamentais: O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade.

## Puberdade: percepções de meninas e suas interações familiares

Entender de que forma a puberdade é percebida pelas e pelos adolescentes e de que forma essa percepção é influenciada por dinâmicas familiares foi um dos objetivos de nossos encontros. Buscou-se também entender se padrões já vivenciados pela família e/ou responsáveis se repetiam ou não na interação com suas filhas e filhos ao lidarem com a puberdade.

O próprio conceito de família foi também tema de um dos encontros, tanto no sentido de ampliar e diversificar as configurações familiares, como também de refletir sobre papéis sociais atribuídos a mulheres e homens no âmbito familiar, com os homens, na maioria das vezes vistos como os provedores e as mulheres as cuidadoras.

### A Menarca

Apesar dos primeiros sinais de puberdade, entre as meninas, estar associado a chegada dos brotos mamários, a menarca (primeira menstruação) foi o tema mais levantado entre as participantes das oficinas, possivelmente por ser um definidor simbólico e fisiológico da passagem da infância para a vida adolescente.

Se por um lado o significado simbólico da menstruação está associado a impureza, a algo não público, ela também simboliza fertilidade e uma mudança de status social, onde a menina estaria pronta para a maternidade, representado, por exemplo, em sociedades ocidentais pela festa de debutante. No senso comum, a chegada da menarca é associada a tornar-se “mocinha”. Essas contradições refletem construções culturais que são incorporadas em maior ou menor intensidade nos núcleos sociais e familiares.

A partir das falas das adolescentes fica evidenciado o fundamental papel da família nessa vivência. A percepção da menarca como um rito de passagem foi igualmente destacado. Apesar da significação desse rito apresentar variações de cultura para cultura e sofrer mudanças ao longo dos séculos, em maior ou menor



escala, em geral, tratam da preparação da menina para a maternidade. Junto a povos indígenas, por exemplo, em grande parte dos casos, a chegada da menarca está associada a períodos de reclusão para as meninas, que se preparam biológica e espiritualmente para se tornarem esposas e mães. Estando claramente associada a fertilidade.

No caso dos meninos, em geral, o ritual de passagem de povos indígenas está associado a um conjunto de provações físicas e emocionais, testes de virilidade e coragem. No mundo ocidental envolve, por exemplo, a perda da virgindade e provações de força física, muitas vezes com altos custos emocionais que, posteriormente, contribuem para uma masculinidade tóxica, manifestada por alguns dos adolescentes envolvidos nas oficinas.

**Aprendizagem/Pistas:** Desconstruir a ideia de que a masculinidade do menino deve ser pautada em demonstrações de virilidade, agressividade e força.

Papéis sociais que começam a ser construídos nessa etapa e, às vezes antes, e que, frequentemente, são replicados na vida adulta, com altos custos para os indivíduos e para a sociedade.

De acordo com Wons (2016)<sup>6</sup>:

(...) Além disso, menstruar também se mostra como um fator determinante em torno do qual se constroem noções culturais sobre diferenças de gênero, atribuindo características próprias ao que se entende por feminino e masculino.

(...) parece-me interessante perscrutar as construções simbólicas que sustentam nosso imaginário acerca da menstruação, uma vez que elas dizem respeito não somente aos eventos particulares dos corpos, mas também às posições que as mulheres ocupam na sociedade, desdobrando-se inclusive na questão de quem produz esses conhecimentos.

---

<sup>6</sup> Extraído de: WONS, Letícia. O Poder Simbólico da Menstruação: Discursos científicos sob o escrutínio das epistemologias feministas Vol.4, N.1, Jan – Abr. 2016.

No Brasil e em muitos países, a menstruação ocorre em média aos 12 anos de idade. Contudo, nem sempre foi assim. Há mais de um século a média para a chegada da menarca era aos 17 anos.

Do ponto de vista médico, essa antecipação está associada, em grande parte, a maior exposição a alguns produtos como agrotóxicos e plásticos e a hábitos alimentares (SBP).

Segundo a Febrasgo, associa-se a melhorias nutricionais e de saúde alcançadas desde a Revolução Industrial.

No que tange a questão familiar ligada a menarca, muitas meninas trouxeram a questão da exposição, se queixaram de uma falta de privacidade por parte das(os) responsáveis, em geral as mães, de quem são mais próximas e com as quais têm mais cumplicidade de compartilhar suas intimidades. Elas alegam que, apesar de ser algo muito pessoal e íntimo, a menstruação foi amplamente divulgada e anunciada junto a familiares e núcleos sociais.

A declaração de uma das participantes ilustra bem a situação:

Saí na rua e percebi que os vizinhos me olhavam de forma diferente. Depois fiquei sabendo que minha mãe tinha anunciado às amigas da rua a chegada da minha primeira menstruação.

Em maior ou menor escala, pode-se traçar alguns paralelos entre a publicização da chegada da menstruação da filha junto aos vizinhos e o rito de passagem feminino presente em povos indígenas. Em ambas situações, as meninas estão sendo “preparadas” para o espaço doméstico, para os cuidados e afazeres da casa e dos irmãos menores, e, em especial, para a procriação.

O medo da exposição e a vergonha fez com que muitas adolescentes evitassem conversar com responsáveis sobre a menstruação e outros temas ligados a adolescência, como a sexualidade, outro tema também levantado por elas durante os encontros, em especial entre as meninas mais velhas. Esse silêncio da família sobre a sexualidade, frequentemente, começa a provocar uma separação, uma alienação e um ressentimento entre os pais e a filha (Goellner, M et al., 2012).

Além da exposição pública de “segredos”, outro aspecto que se destacou no que tange as relações familiares diz respeito a desinformação. Pais e mães, e em especial mães, não foram informadas em suas infâncias, nem na escola e nem tampouco na família sobre as mudanças hormonais e emocionais ligadas a puberdade. Eram e seguem sendo temas ainda permeados de tabus e preconceitos, onde a desinformação alimenta o preconceito.

O orgulho da filha que se torna “mocinha” é também acompanhado, de sentimentos contraditórios, como o medo. Medo de admitirem que

suas filhas cresceram e que em pouco tempo esses corpos, de crianças, passarão a ser vistos como corpos possíveis de serem desejados.

### Mitos e tabus

Ainda hoje existem tabus sobre a menstruação, que são passados de uma geração pela “cultura ancestral histórica”. A menstruação tem sido objeto de inúmeros significados simbólicos em várias culturas através dos tempos. Neste sentido, Plínio (60 d.C.) descreveu o sangue menstrual como um veneno fatal que corrompe e decompõe, destrói a fertilidade das sementes, define as plantas, murcha as flores, apodrece as frutas e cega as navalhas. Afirmava que quando a menstruação coincidia com um eclipse lunar ou solar, os males resultantes eram irremediáveis, as relações sexuais com uma mulher menstruada poderiam ser fatais para o homem. A menstruação era um fenômeno incompreensível e inexplicável, que gerava temor e, portanto, incorporou-se ao terreno da magia, da feitiçaria e da alquimia, noção que se manteve por séculos. No século XVIII, o corpo da mulher era visto como cenário onde se embatiam Deus e o Diabo, o sangue menstrual era considerado venenoso e tinha poderes mágicos; a mulher era vista como vítima de maus eflúvios e, ao mesmo tempo, detentora de poderes misteriosos. Bem como a quantidade de nomes e apelidos que a menstruação recebe é extremamente rica e diversa, evidenciando a necessidade de utilizar-se de eufemismos para tratar do assunto. Na leitura e estudo dos diários de moças na Inglaterra vitoriana não se encontrava nenhuma alusão à menstruação como experiência, porque não havia, no rol de palavras socialmente aceitas, termo adequado para falar do assunto. Na grande maioria das religiões, o sangue está ligado a conceitos, dogmas, rituais purificadores ou macabros, logo com o sangue menstrual não seria diferente. Este simbolismo, que pode ser de pecado e destruição ou de poder e criação, está bastante vinculado ao tipo de religião. Nas religiões monoteístas, ou nas quais predominam deuses masculinos, a menstruação é predominantemente associada ao pecado e à destruição. Nas regiões politeístas, de divindades femininas ou ligadas à natureza, especialmente, a terra, o sangue menstrual da grande mãe permanece na terra e é visto como algo poderoso, ligado à fertilidade, capaz de criar e dar vida.

**Aprendizagem/Pista:** Necessidade de falar mais abertamente sobre a menstruação, seus significados simbólicos e sociais e as mudanças hormonais

### Orientação sexual e identidade de gênero

Em um grupo focal realizado com **meninas de 15 anos e mais**, um dos pontos que mais levantaram foi a questão de resistências e dificuldades que enfrentam em relação a **orientação sexual e identidade de gênero**. Uma das participantes deu o seu testemunho de experimentações e um processo que está vivenciando na construção de sua identidade como menino trans.

Essa questão é real, minha mãe resiste em me chamar de (nome masculino), disse que na época dela era mais fácil, as

coisas eram mais claras. Eu entendo o que ela diz, mas também preciso de compreensão.

Completou também sinalizando para a importância de dar voz a adolescentes LGBTs para que possam compartilhar suas experiências e que possibilitem que as reflexões ultrapassem um padrão hetero normativo.

**Aprendizagem/Pista:** Necessidade de ampliar a abordagem de modo a considerar as múltiplas formas de identidade e orientação sexual

## Um olhar a partir do ciclo de vida das meninas

O acúmulo de conhecimento alcançado a partir da escuta de adolescentes de diversas idades e contextos nos possibilitou identificar algumas especificidades relacionadas ao ciclo de vida, 10 a 12 anos e 13 a 14 anos.

O ciclo de vida de 10 aos 12 anos é marcado, em especial, por sentimentos de incômodo, medo e vergonha. Essas impressões foram compartilhadas tanto por meninas quanto por meninos, em graus distintos.

Mudanças físicas do corpo, tanto nas meninas quanto nos meninos geram incômodo, como a percepção de seios e nádegas que começam a ficar aparentes nas meninas e o pênis que ganha tamanho nos meninos. Mudanças também são percebidas no campo das emoções, com sentimentos contraditórios de euforia e tristeza, poder e medo. Ou seja, as transformações físicas, psicológicas e comportamentais surgem como novidades.

O quadro abaixo lista as principais mudanças comentadas pelas meninas ao longo das oficinas. Destaca-se que não percebemos mudanças sinalizadas apenas por um grupo etário específico. Os comentários foram em torno do fato de que em algumas colegas as mudanças eram mais evidentes do que em outras.

### **Mudanças no corpo:**

- Coxas grandes
- Quadril mais largo
- Peitos crescendo
- Dores
- Caroços nos peitos
- Odores

### Meninas de 10 a 12 anos



No caso das meninas, esse corpo que cresce traz também sentimento de vulnerabilidade. O assédio e a violência sexual são medos que permeiam o desenvolvimento físico, principalmente de meninas. A cultura

machista e patriarcal e as desigualdades históricas entre os sexos são vetores da violência contra meninas e mulheres. As meninas, não raro, sofrem assédios na rua por desconhecidos, por conta desse corpo que ganha evidência e novas formas passando a ser objeto de desejo e, muitas vezes, de violência.

Os **desejos** que a puberdade desperta foram levantados, em especial pelas meninas. Atração pelo(a) outro(a), falar de namoro, falar de sexo, falar de camisinha. Desejo associado a desconhecimento e vergonha. Medo da paquera, pois nessa fase acreditam que namoro e paquera é uma coisa boba e sem necessidade.

As falas sobre **aparência física** estiveram associadas a questão da auto estima e das diferenças. De acordo com as meninas, as mudanças podem trazer sofrimento em relação à aparência de cada uma e acreditam que as mais velhas, com mais corpo, tem “mais chances” com os meninos. As percepções sobre o corpo em transformação são conflitantes, desde vulnerabilidade e risco de assédio e violência sexual, assim como o corpo como um elemento de poder, por despertar o desejo.

Como comentado anteriormente, a chegada da menstruação e o uso de absorventes, está associado a vergonha e sujeira. Vergonha de se expor, de que todos saibam que “virou mocinha”. A menstruação, claramente vista como algo sujo, a ser repudiado.

#### **Puberdade aos 10–12 anos está associado a:**

- Aparência física – estrias, celulites, espinhas e pêlos como algo nojento
- Necessidade de aceitação nos grupos em que fazem parte
- Bullying em relação ao desenvolvimento do corpo, que é diferente de uma para a outra mesmo estando na mesma faixa etária
- Menstruação ainda como sujo e nojento
- Medo da paquera, relacionado à auto-estima
- Medo de assédio e violência sexual pelo corpo em desenvolvimento
- A Sexualidade sendo um tema de pouco interesse, compreendido de forma ingênua

## Meninas de 13 a 14 anos

É nítida a mudança de postura em relação a puberdade ao comparar meninas de 10 a 12 anos às de 13 a 14. Nessa fase (13 a 14 anos) elas já se sentem mais a vontade para falar sobre assuntos ainda pouco tratados entre as meninas menores, por receio, vergonha e mesmo desinteresse.



Algumas já paqueram, outras declaram achar normal falar sobre as transformações que estão vivenciando e reclamam do crescimento de pêlos nos meninos. Interessante que este incômodo aponta para o fato de que estão olhando pra si mesmas mas também para os meninos.

As transformações no corpo são encaradas de forma mais natural, talvez por já terem algum conhecimento em comparação às meninas mais jovens, onde as mudanças estão apenas se iniciando, juntas a quais as mudanças estão apenas se iniciando. Uma delas comentou "peito e bunda crescem mesmo", isso é normal.

As questões relacionadas a **menstruação**, antes na ordem do desconhecido e da vergonha passam a ter um caráter mais reivindicatório e prático: "eu vejo como normal toda mulher menstrua".

Em algumas oficinas realizadas no espaço escolar, que envolveram meninas com idades entre 14 a 16 anos, o foco era o papel da escola em responder às necessidades das meninas durante o seu ciclo menstrual. Uma das meninas comentou:

"não tem nem lixeira no banheiro feminino. Onde coloco o meu absorvente sujo? Dentro do vaso?"

Young (2005)<sup>7</sup> destaca a opressão social das mulheres e os esforços por esconder os sinais menstruais, como se fosse algo sujo ou proibido, além da recusa de espaços públicos como escolas de se acomodarem a esta necessidade.

---

<sup>7</sup> YOUNG, Iris Marion. On Female Body Experience: "Throwing Like a Girl" and Other Essays. Oxford University Press, 2005.

A medida que crescem, as meninas mais velhas, ao olharem para as mais novas, se colocam em posição de superioridade, se percebem como as mais experientes, mas com mais tom de competição e menos de solidariedade e empatia.

O medo de assédio e violência sexual levantado pelas meninas menores também está muito presente entre as meninas de 13 a 14 anos que sentem medo do que os seus corpos em desenvolvimento podem despertar junto a outras pessoas.

Durante uma oficina sobre relações de poder, com meninas de 14 anos, algumas delas se perceberam como objeto de desejo do outro ou da outra. Falaram que essa é uma etapa de experimentações. Experimentação das formas de prazer sexual, experimentações na construção de suas identidades sexuais e experimentações nas dinâmicas das relações afetivas.

Diferentemente das meninas menores, as dúvidas e curiosidades dizem respeito, em especial, à relação sexual e à orientação sexual. Preocupações ligadas à prevenção da **gravidez** e contracepção foram recorrentes, mas, ainda apresentaram bastante desconforto em abordar o tema como o uso de preservativo. Essa experiência evidenciou a importância de levar, para essa faixa etária, informações ligadas a sexualidade. Um período da vida de muitas curiosidades e descobertas, mas de muita desinformação e preconceito. A dificuldade de conversar com familiares sobre esses temas foi apontado por várias meninas.

#### **Puberdade aos 13-14 anos está associado a:**

- Medo de engravidar
- Se na primeira relação sexual é comum sentir dor
- Medo do assédio que o corpo em desenvolvimento trás
- A dificuldade conversar com os pais em relação ao exercício da sexualidade
- Como falar de sua orientação sexual

Apesar de especificidades em cada ciclo, algumas dúvidas surgiram nos dois segmentos, tendo como tema convergente a sexualidade. Uma das dúvidas levantadas, de forma anônima, por meio de uma dinâmica, foi: “Qual a idade certa para perder a virgindade”. Essa dúvida despertou o interesse de várias participantes.

Um dos desafios é tratar a puberdade como um processo gradual vivenciado de forma diversa e em tempos diferentes por cada adolescente, desde mudanças físicas a desejos sexuais.

As dúvidas são reflexo de uma desinformação, de tabus e preconceitos presentes na sociedade e, ao mesmo tempo, da dificuldade de lidar com o novo corpo e os novos interesses. O medo do beijo, do toque, tudo parece repugnante e amedrontador, e está permeado de muita confusão. O beijo associado a risco de gravidez, por exemplo, foi levantado por uma participante. Ao mesmo tempo, em que outras manifestaram interesse em saber mais sobre reprodução, gravidez e a formação do bebê.

Essa diversidade de temas trazidos pelas adolescentes de 13 a 14 anos se constitui em um importante aprendizado uma vez que ilustra, de forma muito clara, o fato de que apesar de compartilharem de uma mesma faixa etária, o momento fisiológico e, em especial, emocional, em que cada uma delas se encontra é distinto. Enquanto umas falam que beijo engravida outras expressam interesse em experimentações sexuais.

**Aprendizagem/Pista:** Parece-nos que mais do que a classificação de temas específicos por ciclo de vida, o mais importante é pensar em como adaptar as temáticas a cada ciclo de vida.

## Puberdade: percepções de meninos e suas interações familiares



Nas oficinas com **meninos**, quando indagados sobre como viam o papel de suas famílias na vivência de sua puberdade, as respostas foram muito evasivas sugerindo menor interferência familiar, quando comparado às meninas. No entanto, não ficou claro se o conflito não existe por falta de

participação da família nesse processo de transformação dos adolescentes, ou se a participação existe, mas com menos interferência.

Alguns **meninos** sinalizaram não se sentirem confortáveis de levar para dentro de casa certos temas. “Tá louco, falar sobre isso, nem pensar.” Por outro lado, desde o primeiro encontro, ficou claro que os meninos se mostraram seguros e confortáveis para conversarem sobre puberdade com os facilitadores do sexo masculino,.

Um dos temas mais levantado entre eles foi a sexualidade.

Para os meninos surge a **sexualidade** como reafirmação da masculinidade, o toque no outro(a) desde cedo já lhes é apresentado de forma sexualizada. Isso foi percebido em uma das dinâmicas, onde balões eram apoiados em partes do corpo e todos tinham que se equilibrar para não deixar cair o balão, quando isso ocorria, e um tocava no corpo do outro, seja na parte da frente ou atrás, olhavam e zombavam uns dos outros, como se o fato de ter tocado o outro tivesse algum significado sexual. Portanto, o medo e vergonha surgem bem diferentes para eles do que para as meninas. Os medos dos meninos são de “falhar”, seja na hora do sexo seja na masturbação. Eles falaram abertamente sobre o peso social que sentem de serem bons e terem uma ótima performance sexual.

Em termos de **vergonhas**, apontaram a de ter peito grande, a de se masturbarem muitas vezes, a de ter chulé e a de cheiros fortes que começam a exalar.

Interessante que, ao contrário das meninas, o crescimento dos membros, principalmente o pênis é motivo de felicidade e sentimento de poder. Eles se sentem premiados. As vulnerabilidades e medos de abuso e violência sexual claramente apontadas pelas meninas com o crescimento de seu corpo não surgiu entre os meninos.

O quadro abaixo elenca as principais dúvidas apresentadas pelos meninos que foram convidados a escreverem, de forma anônima, dúvidas e curiosidades que foram colocadas em uma caixa e respondidas pelos facilitadores ao longo dos encontros.

<b>Aspectos ligados a fisiologia</b>	<b>Aspectos ligados a sexualidade</b>
<p>“ É possível não crescer pêlo?”            “Como tirar o chulé?”            “Gozar, como é que é?”            “Como sai o leite do piru?”            “Com quantos anos o pau cresce?” “ Com quantos anos começamos a comer muito?”            “Por que quando tu tá mijando dá tipo um calafrio?”            “Por que o pênis fica duro?”</p>	<p>“Como transar com um menino?”            “ Como fazer a mina gozar rápido?”            “O que acontece quando o homem transa sem camisinha” ?            “Como se usa camisinha?”            “O que é tesão?”            “ Como fazer sexo?”            “ O que é gozar?”            “Como o homem transa com mulher?”            “ Se não tiver camisinha tem como transar sem engravidar?”            “ Saúde e puberdade, é sexualidade?”            “ Por que na masturbação sentimos tesão, e temos vontade de gozar? E por que quando isso acontece, você tem vontade de transar toda hora?”</p>

## FamíliaS

O tema “famílias” foi tratado em uma oficina específica que envolveu meninas e meninos. Contudo, questões familiares permearam todas as oficinas e foram levantadas de forma espontânea pelas(os) próprias(os) adolescentes.

A partir de uma dinâmica o grupo foi convidado a pensar em sinônimos para família. Os sentimentos foram variados e até contraditórios entre amor e repulsa.

Em termos de configuração familiar, por conta de suas próprias vivências, ficou claro um entendimento mais amplo e diverso que o grupo tinha sobre família, onde várias configurações familiares apareceram como possíveis. Mas, a configuração tradicional ainda é mais bem aceita.

Entre a(o)s participantes alguns viviam com a mãe, padrasto e irmãos, outros com avós e irmãos, outros dentro da estrutura familiar tradicional e ainda alguns vivendo com mães solteiras tendo o duplo papel de cuidadoras e provedoras.

Essa oficina, muito rica nos debates, sugere que, grande parte da resistência encontrada na sociedade sobre as múltiplas configurações familiares, não está nas crianças e adolescentes, mas sim entre os adultos que estão permeadas de valores culturais e religiosos. Como ficou claro na fala das(os) adolescentes, mesmo nas estruturas familiares que contavam com figuras femininas e masculinas, em geral recaía sobre a mãe ou avó o papel de cuidadora e educadora.

Quando convidados a compartilharem assuntos sobre os quais não se sentiam confortáveis para conversarem com seus familiares, grande parte esteve em torno de temas ligados à sexualidade, incluindo perda da virgindade, namoro, orientação sexual, além de menstruação. Outros temas trazidos incluem ausência da figura paterna, ansiedade e depressão e bullying.



Interessante que, ao buscar entender a puberdade pela ótica das responsáveis, as mães com as quais conduzimos grupos focais, identificamos alguns elementos convergentes no que tange aos desafios de informar e educar filhas e filhos sobre puberdade.

Quando as adolescentes foram indagadas sobre com quem aprenderam, descobriram ou receberam informação sobre puberdade no contexto familiar as mães e avós eram as mais citadas. Isso reforça a importância de dinâmicas familiares abertas, com compartilhamento de conhecimento e informações. E com maior diálogo, com responsáveis mais conscientes da importância de estarem presentes no processo de criação de suas filhas e filhos. Por outro lado, raramente mencionaram pai, tio, avô ou outro familiar do sexo masculino indicando o papel preponderante das figuras femininas e explicitando, muitas vezes, a falta de referencial masculino em suas vidas.

Independentemente do contexto de cada adolescente e de seu núcleo familiar, outro aspecto muito evidenciado ao longo dos encontros foi a necessidade de olhar as especificidades de cada família. Mesmo nas relações de maior proximidade entre mães e filhas há distinções. Se para a maioria das meninas recorrer à família para se informar sobre sexo e sexualidade era e, segue sendo, um tabu, para algumas foi a mãe, por livre e espontânea vontade, que trouxe o tema sobre sexo seguro, inclusive dando orientações. “Minha mãe me ensinou muita coisa. Isso é bom.” Outra menina relatou “quando vi tava menstruada, não sabia de nada. Fui conversar com minha irmã.” Isso ilustra também a importância do papel da irmã mais velha, como uma pessoa em quem confiam e a quem recorrem.

**Aprendizagem/Pista:** Apesar das várias configurações familiares identificadas e “aceitas” entre adolescentes essa questão ainda é permeada de preconceitos e resistências entre suas(seus) responsáveis, indicando a necessidade de retomar esse debate tanto com os adolescentes quanto com adultos, em especial junto a professoras e professores.

**Aprendizagem/Pista:** Pensar em estratégias junto às adolescentes e também a familiares e profissionais de educação para romper a lógica equivocada de que falar de sexo é estimular a prática sexual.

### O espaço da casa e os papéis sociais

Outro dado importante das oficinas relacionadas às dinâmicas familiares e que surgiu nos encontros com meninas bem como com meninos foi a relação dos filhos com seus genitores. Na maioria dos casos as meninas informavam que, dentro de casa, cabia às mães, e em muitos casos também às avós, o cuidado e a educação das filhas (netas). Em muitos casos também estava atribuída à figura materna o papel de provedora, evidenciando a grande responsabilidade que lhes é imputada na criação dos filhos, assim como as evidências de outras estruturas familiares, como, por exemplo, a família monoparental, formadas por apenas um dos genitores e seus descendentes.

Em uma das atividades no encontro com tema central na família pediu-se que compartilhassem sentimentos que associavam às suas vivências familiares. O quadro apresenta o resultado da atividade, evidenciando sentimentos contraditórios que nos alertam para a necessidade de trabalhar em maior profundidade a questão familiar e o espaço da casa, que representa amor, alegria e união, ao mesmo tempo em que pode ser um espaço de briga e porrada.

<b>Família</b>
Aspectos positivos: união, amor, conjunto de pessoas, paixão, alegria, amizade, festa
Aspectos negativos: briga, intriga, fofoca, medo de ser julgada, porrada

Sabemos que, na grande parte dos casos essa briga se dá entre os responsáveis, tendo na grande parte das vezes as mulheres, mães, como as principais vítimas dessa violência. Violências testemunhadas pelos filhos e filhas, e muitas vezes reproduzidas na vida adulta. Mas,

essa violência não se limita às mulheres adultas estando também em vulnerabilidade crianças e adolescentes, em geral do sexo feminino.

Por razões morais, construções sociais e valores culturais o espaço doméstico é também o espaço da dominação, do controle, do silêncio. É o espaço onde se manifestam relações de poder desiguais entre marido e mulher, entre pais e filhos entre meninos e meninas. É o espaço de reafirmação de relações de dominação entre o masculino e o feminino. É o local onde a violência é praticada de forma silenciosa, invisível e, em muitos casos, naturalizada... Se para uma mulher adulta, romper o que chamamos de ciclo da violência é um enorme desafio que implica em ter autoestima, contar com redes de apoio, e estar ciente de seus direitos, o quê dizer para uma criança ou adolescente. Quando o agressor ou a agressora é alguém do círculo de afeto da criança, como um pai, uma mãe ou parente próximo, há uma forte relação de dependência emocional e material e a sua capacidade de discernimento entre certo e errado, aceitável e condenável, afeto e violência é muito menor<sup>8</sup>.

**Aprendizagem/Pista:** Abordar as várias dimensões do espaço doméstico e, em especial, entre adolescentes menores, diferenciar amor de violência, cuidado de abuso.

---

<sup>8</sup> Extraído de: ROMANI, Andrea P. O espaço da casa para crianças e adolescentes: segurança x vulnerabilidades em Tecendo a Rede de Proteção a Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual , CEPIA, 2019.

## O que as responsáveis (mães e avós) têm a dizer

Em um dos encontros convidamos mães de adolescentes para compartilharem suas vivências durante as suas próprias puberdades e, ao mesmo tempo, pensarem na puberdade de suas filhas e filhos. A ideia era buscarmos traçar alguns paralelos e refletir sobre questões intergeracionais.

No grupo focal com mães, ao pensarem sobre sua puberdade, trouxeram a questão da desinformação como um dos grandes obstáculos para a vivência de uma puberdade mais tranquila, informada e saudável. Não tinham espaço para conversar em casa e recorriam a amigas mais velhas para se informarem.



Algumas dessas mães compartilharam suas histórias de gravidez não planejada ainda na adolescência, associadas a desinformação, baixa autoestima, e certa ingenuidade, claramente retratada nesse depoimento “achei que era o homem da minha vida, mas virei mãe solteira.”

No que tange a interlocução com suas filhas e filhos, elas salientaram uma reprodução dos padrões vivenciados anteriormente na família. Por não terem tido acesso a informação na vivência de suas puberdades, alegavam não estarem preparadas para orientarem suas filhas. No entanto, buscavam formas de superar esses entraves, entendendo a importância de dar orientação para que suas filhas e seus filhos não contraíssem ISTs e nem tampouco engravidassem antes da hora. “Eu não quero que o meu filho passe pelo que passei em minha adolescência.”

Muitas vezes, as mães não estão preparadas para conversar sobre sexualidade com suas filhas e seus filhos e usam informações baseadas no senso comum e em crenças populares, muitas, inclusive, acham que falar sobre sexo e sexualidade é estimular a prática e acabam optando pela desinformação. No entanto, apesar dessa ideia amplamente difundida, entre as mães que participaram do Grupo Focal, observou-se que elas buscam dialogar de forma mais amigável, se esforçando para romper ciclos passados por seus pais, onde

relatam não terem tido acolhimento e informação adequada quando vivenciaram a experiência da puberdade e da juventude.

Tanto nas oficinas apenas com adolescentes quanto naquelas com as responsáveis, o sentimento de vergonha está presente e se constitui em uma barreira para que mães e filhos conversem de forma mais aberta e natural sobre sexualidade.

Cabe aqui uma reflexão sobre o por que da vergonha que, de certa forma, atravessa as gerações. Estaria pautado em valores religiosos, morais e culturais ?

**Aprendizagem/Pista:** Considerando a realidade brasileira e os dados referentes a elevada taxa de gravidez entre meninas muito jovens, em especial aquelas em maior vulnerabilidade, há a clara necessidade de abordar amplamente esse tema com enfoque na informação e em projetos de vida.

## Gravidez na adolescência hoje

“Elas precisam ter mais acesso à informação e aos métodos contraceptivos. Também precisam estar mais empoderadas para exigir que os parceiros encarem as responsabilidades relativas à vida sexual”, afirma Anna Cunha, oficial para Saúde Reprodutiva e Direitos do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) no Brasil.

O Brasil, de acordo com levantamento das Nações Unidas, apresenta uma taxa de gravidez na adolescência (62/1000) entre meninas de 15 a 19 anos maior do que a média mundial (45/1000). Ainda, apesar da taxa de fertilidade estar caindo nesse grupo etário, ao longo das últimas décadas, entre as latino-americanas, essa queda tem sido muito menos acentuada.

A gravidez na adolescência, quando não está associada a uma escolha consciente e responsável, se constitui em mais um elemento de retroalimentação de um círculo vicioso de exclusão. As meninas mais pobres, negras, indígenas, de áreas rurais são as mais vulneráveis, com menor acesso a educação e a saúde, menor renda e mais sujeitas a sofrerem violência de gênero.

Com a chegada de uma gravidez na adolescência essas vulnerabilidades se intensificam com risco de interrupção da educação, necessidade de entrada no mercado de trabalho cedo e, muitas vezes manutenção de relacionamentos abusivos.

Além disso, de acordo com o Código Penal brasileiro, gestações de menores de 14 anos se enquadram em estupro de vulnerável.

Em muitos casos a gravidez na adolescência está associada a violência sexual. No estado do Rio de Janeiro, por exemplo 66% dos estupros contra mulheres registrados em 2017, tinham como vítima crianças e adolescentes (Dossiê Mulher, 2018).

Se por um lado o aborto legal prevê, como uma das poucas permissivas, a interrupção da gestação em casos de estupro, por outro, além de limitações legais e questionamentos morais de profissionais de saúde, a religião, por meio de uma presença forte de forças evangélicas conservadoras, tem também dificultado o exercício desse direito por parte de meninas que se tornam mães precocemente e depois são esquecidas pela igreja e muitas vezes por seus parceiros.

Existem também situações em que a gestação não é resultante de um estupro tipificado em lei, mas se configura em “estupro social”. A gravidez, para muitas meninas é vista, de forma romântica, como único projeto de vida, uma alternativa para uma vida melhor, saída de casa, emancipação ..... Essa fala esteve presente em participantes jovens de diversas oficinas realizadas pela CEPIA com meninas de diversos contextos e histórias de vida, mas todas em vulnerabilidade social.

Ainda outro desafio ligado a prevenção da gravidez na adolescência e ao sexo seguro que ganhou força nos últimos tempos em decorrência do adverso contexto político e social brasileiro é a resistência encontrada de se levar para dentro das escolas a educação sexual. Uma educação sexual pautada nos direitos humanos. Direito a informação, direito ao acesso a métodos contraceptivos, direito a dizer não, direito a ser respeitada(o). Direito a que valores morais e religiosos não interfiram em políticas públicas. O governo federal, na contramão do que acadêmicos, agências das nações unidas e organizações da sociedade civil defendem, acaba de lançar uma política de abstinência sexual voltada para a população adolescente como uma das estratégias para evitar gravidez na adolescência.

## Onde buscam informações

As fontes de informação são diversas desde a própria família, ciclos sociais, internet, o universo da escola, unidades de saúde, dentre outros.

Nos dias de hoje, a questão está mais ligada ao tipo de informação a que os jovens têm acesso, do que ao acesso em si à informação, amplamente disponível na internet, e com ferramentas de comunicação mais dinâmicas como as mídias sociais e o whatsapp.

Para buscar responder a essa pergunta, além das oficinas realizadas no âmbito desse projeto, recorreremos a informações colhidas em oficinas realizadas pela CEPIA com outros adolescentes nos anos de 2015 e 2016, em diversas escolas municipais no Rio de Janeiro, no processo de desenvolvimento do app Partiu Papo Reto. A grande maioria dos adolescentes, ao serem questionados sobre onde buscavam informação sobre sexo, sexualidade, prevenção, etc indicaram a **internet como principal fonte de consulta**. Por outro lado, também comentaram que a internet é um mundo, com informações legais e outras nem tanto e nem tudo é bom para todo mundo. Depende da idade, da fonte da informação, do nível de maturidade sexual, dentre muitas variáveis. Também sinalizaram que “o que eu quero é saber em quem (site) confiar. Não é porque está na Internet que é verdade.” Nesse mesmo período também perguntamos se conheciam algum aplicativo com informações sobre saúde sexual e reprodutiva voltado para adolescentes. A resposta foi unânime. Nenhum delas/deles tinha conhecimento de aplicativo com esse conteúdo, o que levou a CEPIA a seguir com o projeto de desenvolvimento do app Partiu Papo Reto, hoje disponível nas plataformas IOS e Android, gratuitamente.

**Outra fonte importante de informação ou desinformação é a família.** As meninas, quando perguntadas sobre com quem aprenderam, descobriram ou receberam informações sobre puberdade no contexto familiar, as mães e avós eram as mais citadas. Isso reforça a importância de dinâmicas familiares abertas, com compartilhamento de conhecimento e informações. E com maior diálogo, com responsáveis mais conscientes da importância de estarem presentes no processo de criação de seus filhos e filhas. Por outro lado, raramente mencionaram pai, tio, avô ou outro familiar do sexo masculino indicando o papel preponderante das figuras femininas e explicitando, muitas vezes, a falta de referencial masculino em suas vidas.

Independentemente do contexto de cada adolescente e de seu núcleo familiar, outro aspecto muito evidenciado ao longo dos encontros foi a necessidade de olhar as especificidades de cada família. Mesmo nas relações de maior proximidade entre mães e filhas há distinções. Se para algumas meninas recorrer à família para se informar sobre sexo e sexualidade era e segue sendo um tabu, outras relataram que a mãe, por livre e espontânea vontade, já havia conversado sobre sexo seguro, inclusive dando orientações. “Minha mãe me ensinou muita coisa. Isso é bom.” Outra menina relatou “quando vi tava menstruada, não sabia de nada. Fui conversar com minha irmã.” Isso nos fala também da importância do papel da irmã mais velha, como uma pessoa em quem confiam e a quem recorrem.

Além da internet e dos núcleos familiares a(o)s adolescentes falaram também da escola, não como fonte de informação, mas sobre o papel que a escola deveria ter na educação sexual das alunas e dos alunos.

## O papel da escola na vivência da puberdade de meninas e meninos

É durante o período escolar que grande parte da adolescência é vivida, incluindo a puberdade. Nesse sentido, as instituições de ensino têm papel de grande importância nesse processo, tanto pelo vínculo e acompanhamento construído diariamente, como também pela própria natureza da função que deve ir além da educação formal.

Papel que extrapola o ato de ensinar e envolve o educar crianças e jovens desenvolvendo sua identidade e subjetividade. Faz parte do dia-a-dia dos professores o incentivo à cidadania, à responsabilidade social e a incorporação de hábitos saudáveis. É o segundo núcleo da vida do ser humano e também é um local em que se trabalha com a construção do conhecimento<sup>9</sup>

Apesar de ambivalências próprias nas dinâmicas professora(o)-aluna(o), em alguns contextos, elas/eles se constituem em referência para suas(seus) alunas(os) e, nesse sentido, podem ter um papel muito positivo compartilhando suas próprias vivências e levando informação.

Por outro lado, a escola se constitui também em uma ponte entre alunas(os) e a família. Ao sensibilizar e informar aos professores sobre a importância de tratar a questão da puberdade em sala de aula e, ao mesmo tempo, em reforçar o papel fundamental da família nesse período de transformações, aceitações e experimentações acreditamos estar contribuindo para vivências mais seguras e prazerosas.

Para que se estabeleça uma relação estudante-professora com características positivas, menos conflitiva e fornecedora de confiança, é fundamental que a(o)s docentes tenham conhecimento das transformações inerentes à fase da adolescência.

**Aprendizagem/Pista:** O encontro com profissionais de educação reforçou a necessidade de melhor prepará-los e sensibilizá-los sobre a responsabilidade que têm no processo de construção de identidade de seus alunos e alunas. Observou-se a necessidade de desenvolvimento de conteúdo que subsidie as(os) educadoras(es) em como abordar temas relacionados a puberdade e sexualidade junto suas(seus) alunas(os).

<sup>9</sup> Extraído de ROEHRS, Hellen; MAFTUM, Mariluci; ZAGONEL, Ivete Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.2 São Paulo Junho 2010.

## Percepção dos profissionais de educação

Como forma de iniciar a temática junto a profissionais de educação desenvolvemos encontros que possibilitassem reflexões de ordem individual relacionadas às suas próprias trajetórias de vida e reflexões sobre de que forma aprendizados e boas experiências poderiam ser levadas às(aos) estudantes.

De modo geral professoras e professores participantes das conversas percebem a necessidade de se tratar a temática da puberdade em sala de aula, mas muitas(os) se consideram despreparadas(os) e/ou não percebem a puberdade como um tema que pudesse ser tratado de forma transversal e espontânea em várias das aulas.

As resistências pessoais de alguns profissionais da educação são fortalecidas e “justificadas” por políticas federais de educação que apresentam resistência à educação sexual integral no espaço escolar, tendo, inclusive, banido a expressão sexualidade do Plano Nacional de Educação. Esse contexto, por um lado dificulta ações como as da CEPIA, mas por outro, as tornam ainda mais necessárias.

Ao longo do encontro o grupo foi convidado a visitar sua adolescência e lembrar do período da puberdade destacando aspectos positivos e negativos dessa vivência. A atividade foi muito rica e permitiu um debate amplo traçando paralelos sobre os contextos em que as(os) profissionais viveram sua puberdade e a realidade de hoje. Uma das expectativas era de que as(os) professores pudessem desenvolver maior empatia por suas alunas e alunos.

O quadro abaixo apresenta a sistematização dos principais aspectos destacados pelas professoras e professores ao revisitarem a etapa de suas vidas referente a puberdade.

<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos menos prazerosos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais acesso a informação/ discussão;</li> <li>- Opções de prevenção mais reais;</li> <li>- Na geração de hoje há uma maior liberdade de expressão;</li> <li>- O primeiro sutiã e a primeira menstruação são inesquecíveis;</li> <li>- O esporte e a universidade na minha vida;</li> <li>- Viagens internacionais pelo esporte;</li> <li>- Sentir-se importante por estar se transformando em “mulher”;</li> <li>- Relacionamentos afetivos com o sexo oposto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os jovens continuam acreditando que nada acontecerá com eles, mesmo com a orientação oferecida;</li> <li>- Respeito à sexualidade do outro (apontado como um desafio pelas(os) participantes;</li> <li>- Ansiedade mais exacerbada nos dias atuais;</li> <li>- Não sei, mas lembro que não gostei de fato da minha prima mais nova ficar mocinha antes e me chamar de criança;</li> <li>- O meu desafio quando eu era criança foi enfrentar o problema de alcoolismo do meu pai;</li> <li>- O outro desafio foi entender a complexidade da vida vivendo a separação dos meus pais;</li> <li>- Perdas;</li> <li>- A ansiedade pela transformação física;</li> <li>- A falta do diálogo com a família sobre questões sexuais e puberdade;</li> <li>- Vejo em algumas meninas, certa necessidade de se expor física/ sensualmente, como uma suposta “auto-afirmação” e os meninos verbalizando supostas práticas sexuais como confirmação de uma suposta “machesa”.</li> </ul>

## Considerações da(o)s facilitadora(e)s

O conjunto de encontros e grupos focais com meninos e meninas de 10 a 14 anos foi facilitado pela equipe jovem da CEPIA. Nesse sentido lhes foi proposto que compartilhassem os principais aprendizados adquiridos, a partir da facilitação dos encontros e da interação com as meninas e os meninos.

Débora Silva

Fazendo um paralelo entre as oficinas e grupos focais com adolescentes e o grupo focal com as mães de adolescentes, o que mais se destacou é como a sexualidade é tratada. Tanto para as(os) responsáveis quanto para as adolescentes, esse ainda é um assunto tabu. De um lado, as mães relatam não se sentirem tão confortáveis para falar, do outro as jovens relatam ter vergonha ou medo de se expressarem quanto a isso, principalmente sobre poder contar sobre suas orientações sexuais, o que acaba gerando muitos conflitos internos e dúvidas sobre si mesmas e a construção de suas identidades.

As oficinas também reforçaram a forte presença de mulheres sendo líderes em suas famílias, o que é reflexo do machismo enraizado, que impõe às mulheres esse papel de cuidadoras e “super-mães”, propagando, muitas vezes, os estereótipos de gênero. Já para os meninos, também fortalecendo esses estereótipos de gênero, impõe-se uma pressão em ter que ser “macho”, não poder expor sentimentos. Em contrapartida, são “educados” que assediar mulheres e meninas é coisa de “macho”, é algo esperado deles.

Esses fatores nos levaram a reflexão: como o medo pode impulsionar a(o)s adolescentes à “errar” ou fazer algo contra a sua vontade. Algumas pressões que podem parecer bobas, mas que refletem na sexualidade dessa(e)s jovens, no descobrimento de quem são ou querem ser, gerando uma confusão mental.

Em termos das dúvidas que as meninas demonstram ter sobre a puberdade, a lista foi bem grande, mas as que mais surgiram foram relacionadas à sexualidade e em torno de gravidez, isso em relação as adolescentes de maior idade. Já para as mães, as dúvidas foram mais em como passar essas informações as suas filhas. Há uma preocupação muito grande de que as(os) filhas(os) não cometam os mesmos erros que elas já cometeram. Para essas mães, o cuidado fala mais alto, elas se sentem “perdidas” em como falar de sexo sem induzir ao sexo. Eu, achei até muito interessante elas trazerem esse assunto. Achei que elas seriam totalmente contra abordar com suas(seus) filhas(os) isso, mas não foi assim.

Kezia Yasmin

“Quando começamos a trabalhar com a temática da puberdade, não pensei que o tema era tão amplo e com tantos tópicos, então foi necessário trabalhar e estudar alguns pontos que sabíamos que surgiriam nas oficinas durante os debates. Falamos sobre os tabus da menstruação, autoestima, bullying e suas consequências, da relação da(o) adolescente com suas(seus) responsáveis, em como o pai e a mãe podem compreender a(o) filha(o) nessa fase. Falamos também de relação de gênero, pois na maioria das vezes é nessa idade que se desenvolve esse abuso de poder, onde o menino acha que é superior às meninas. Foi importante nós, facilitadoras, trabalharmos essa questão com os dois grupos, nos com as meninas e os facilitadores com os meninos. Percebi, em geral, que as meninas tinham certo desconforto quando falavam dos meninos. Parece que desde novas já nos sentimos inferiores aos homens e, por medo, preferimos ficar longe. A maioria delas evita contato por conta de comentários ou atitudes machistas e violentas, que já sofrem por meninos na escola.”

Débora Pinheiro

“Essas são percepções que requerem algum recorte de classe, contexto social e território, visto que quando realizamos uma oficina aqui na CEPIA com meninas da zona sul e de escolas particulares na mesma temática, perceberam que as puberdades são vividas de formas diferentes. A relação com a menstruação e sexualidade são vivenciadas de forma mais natural e dialogada de forma mais aberta pelas(os) responsáveis de adolescentes da zona sul, diferente do que acontece com adolescentes da baixada e zona norte.

“Questões de identidade de gênero abordadas na Escola Municipal Henrique Dodsworth e na Rede Cruzada surgiram meninas e meninos com dúvidas de como se proteger quando a relação sexual é com pessoa do mesmo sexo, medo de contar aos pais sobre se identificar como LGBTQ+ e ser julgada ou expulsa de casa, medo de sofrer bullying por ser LGBTQ+.”

Ryan Mark

“Mais do que nunca, acho que cresci com a aplicação dessas oficinas, aprendi muita coisa que vai me ajudar a replicar essas informações em outros espaços que atuo, ou converso sobre. Achei os meninos muito participativos e sem muita vergonha, o que ajudou muito a gente, eles tiraram bastante dúvidas, foi ótimo poder somar com essa galera.”

Lucas Marçal

“O projeto Puberdade inicialmente parece simples, pois todos nós passamos pela mesma fase. Porém, a mudança física e psicológica dentro de cada contexto familiar se torna muito particular. E é gratificante fazer parte desse trabalho e processo de construção.”

“As oficinas realizadas com jovens e adolescentes nos revelaram desafios diários que não são externados. A relação de confiança e respeito estabelecida entre os meninos foi incrível e nunca presenciei tamanha sinceridade e interesse pelo assunto. Vale ressaltar que vários outros assuntos e relatos vieram à tona diante do tema proposto, como: Política, Machismo, Feminismo e até Relações Familiares.

“Os meninos tinham bastante dúvidas, em sua maioria voltadas à primeira vez, primeira relação sexual, como não engravidar uma mulher e como usar camisinha. Uma pergunta que nos chamou a atenção pela coragem de quem a levantou foi “Como transar com outro menino?” De início chocou os outros participantes, mas foi um gancho para explicar relacionamentos homossexuais e os desafios para driblar o preconceito e homofobia.”

“Embora Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos tenha sido um tema bastante discutido, outro pilar dos encontros foi o bullying, praticado e sofrido em razão das mudanças no corpo. Um momento marcante foi quando os próprios alunos se comparando, duas pessoas com a mesma idade, e com inúmeras diferenças corporais, como: bigode, estatura, pelos e etc. Além dessa iniciativa ter sido deles, foi momento de reflexão e reconhecimento. Portanto, acredito que o projeto possa continuar a ajudar muitos adolescentes a entenderem e vivenciarem melhor essa fase que é tão importante e pode ter consequências para o resto da vida.”

A equipe da CEPIA espera que você possa usufruir, compartilhar e aprender com esse material que com muita dedicação e por acreditarmos no protagonismo dos jovens preparamos para vocês!